

Veríssimo de Melo

**Sátiras e Epigramas de
ZÉ AREIA**

(3ª Edição – Clima – Natal/RN – Dezembro/1982)

Esta plaquete, em sua primeira edição, apareceu em 1972. Foi resultado de conversa nossa com o editor Carlos Lima. Mestre Luís da Câmara Cascudo havia feito a sugestão para que guardássemos alguma coisa das sátiras de Zé Areia. A metade da edição seria entregue ao boêmio para que a vendesse. Ele soube ainda do plano e ficou feliz. Chegou a ver as provas em nossas mãos. Desgraçadamente, morria poucos dias depois. Sua companheira ainda recebeu parte da edição, vendendo-a entre pessoas amigas. Deve ter sido a sua única herança.

Os exemplares restantes, nós e Carlos Lima os distribuímos entre amigos. Sempre aparecia alguém procurando o “livro de Zé Areia”. Até de outros Estados vieram pedidos. A edição logo se esgotou.

Em 1979, graças a boa vontade de um admirador de Zé Areia, o editor Antônio Mariano da Silva, surgiu a 2ª edição, ampliada e melhorada. Dessa vez já colocamos exemplares nas livrarias, que também logo se esgotaram. Os pedidos, insistentes, de toda parte, continuaram. Alguns, interessantes. Outros, comoventes.

Num vôo do Rio a Natal, por exemplo, recebemos dois pedidos quase ao mesmo tempo. Uma coincidência. Um deles, do dr. Wellington Xavier, que vinha de Porto Alegre e prometera um exemplar a um amigo. Outro, do Comandante Israel de Oliveira, que também desejava brindar um amigo com a plaquete de Zé Areia. Dias atrás, fomos procurados por um professor do Ateneu, que nos contou detalhe emocionante. Operara, com êxito, um filho em Brasília. O anestesista nada o cobrara. Mas lhe fizera um pedido: queria um exemplar do “livro de Zé Areia”, que lera em São Paulo.

Por tudo isso, como já desejávamos ampliar a plaquete, enriquecendo-a com estórias e ditos de Zé Areia, resolvemos partir para a 3ª edição, com o apoio do editor Mariano.

Depoimento de Cascudo

Nosso Mestre Cascudo – que sabia das coisas – escreveu a respeito de José Antônio Areia Filho (1901-1972) palavras que merecem ser lidas. Estão publicadas no seu livro “ONTEM” (Imp. Universitária, Natal, 1972): “A morte de Zé Areia apaga em Natal o derradeiro representante da verve recalcitrante, do espírito da réplica, imediata e feliz, o último contribuinte para o patrimônio esfuziante da improvisação anônima e surpreendente. Desapareceu a 31 de janeiro de 1972 (mês em que nascera), quanto nos restava de Popular sem vulgarizar-se e constituir uma presença chistosa nas recordações bem-humoradas de todas as classes sociais da cidade. Sentindo a aproximação asfíxiante do enfarte, ergue-se da rede, abraçando a mulher, vivendo a pilhéria da sua vida dolorosa: “Mulher feia! Quero morrer em teus braços!”. A companheira susteve o cadáver, na casinha rústica da Travessa Monte Carlos. Veríssimo de Melo salvou algumas de suas produções, fatalmente orais, e é de se esperar que reincida a benemerência, recolhendo saldos fortuitos dessa grande e autêntica inteligência apenas alfabetizada, conservando o timbre original de espontaneidade incomparável. Será em prosa um Quinto Livro bocageano, documentário do espírito anônimo, cristalizado no exercício fulminante da refutação imprevista. Paula Ney, Quintino

Cunha, Emílio de Menezes produziam em ambiente repercursor, mas Zé Areia espalhava as inopinadas facécias nos climas mais diversos da população. Não sabia onde a semente tombaria, sobre pedras para secar, ou em terreno útil para viver. Ainda está viva a figura nas lembranças contemporâneas, mas cinquenta anos depois, que dele restará, íntegro e real nas descuidosas menções do ano 3000? Haverá, para o futuro século, revelação mais flagrante da cultura coletiva em sua intimidade? Muito mais expressiva que qualquer labor literário, porque esse incluirá, necessariamente, processos universais na comunicação artística”.

Adiante, prossegue Cascudo: “Rapazote (Zé Areia) andou estudando com Pedro Alexandrino e Clementino Câmara. Depois mergulhou no torvelinho. Barbeiro intermitente, biscateiro, não foi facadista impertinente e pedinchão. Guardava compostura na humildade e decoro na penúria como um mendigo espanhol, infalivelmente, alvejava quem pretendesse humilhá-lo. Assim retrucou aos ricos, aos notáveis, acasionalmente poderosos, procurando experimentá-los nos recursos defensivos dos melindres íntimos. Quase nada e raramente versava uma quadrinha, atendendo desafio. Oswaldo Lamartine de Faria registrou duas amostras no “UNS FESCENINOS” (Rio de Janeiro, 1970). Nunca o ouvi responder senão na fulminante prosa, de efeito irrecorrigível. Não se inspirava espontaneamente. Indispensável chamá-lo a terreiro no instinto direito da Represália. Unicamente provocado, reagia, imediato, numa voz displicente e mastigada de despreocupação. Dava o golpe derrubador, recaindo na apatia, o grande rosto redondo e papudo alheado e triste. Sua inspiração não seria obscena nem imoral, mas simplesmente erótica. Recorria ao processo mais comunicativo da sátira nos níveis comuns do entendimento secular. Era povo e falava como um personagem de Gil Vicente”.

Conta, por último, Mestre Cascudo uma das visitas de Zé Areia à sua casa, para pedir a benção à sua madrinha, mãe do escritor: “... Tempos idos, chegou à nossa casa em estado de graça, gago e tropeçante, querendo ver a Madrinha. Recusei, mas cedi aos reiterados apelos, com gesticulação dramática. Passando ao aposento onde minha Mãe estava, enferma, recobrou equilíbrio, dignidade, feição de gente. Entrou, curvou-se, beijou a mão da Madrinha e saiu sem dar as costas, recuando como um fidalgo olhando a Rainha. No terraço, retomou os atributos anteriores e característicos, outra vez gago, hesitante, nauseado. Felicitei-o pelo domínio sobre a dispersiva aguardente. “Minha Madrinha pode mais!” E lá se foi, cercando frango, pelas ruas onde era um Rei, pobre e legítimo Soberano, que a Morte exilou sem destroná-lo”.

Precisa dizer mais alguma coisa?

Outros depoimentos

Este “SÁTIRAS E EPIGRAMAS DE ZÉ AREIA” teve repercussão fora do comum no país. A propósito da 2ª edição, publicada em 1979, recebemos artigos assinados por escritores de renome nacional, como Wilson Lins, em Salvador, Bahia; Nilo Pereira, no Recife, Pernambuco; Epitácio Soares, Campina Grande, Paraíba, todos ressaltando a “verve” extraordinária do boêmio natalense.

Vejam, por exemplo, o que escreveu o escritor Wilson Lins, no “Jornal da Bahia”, de 30.04.1980, sob o título de “UM CONTESTADOR A SEU MODO”:

“Veríssimo de Melo acaba de relançar sua coletânea de casos de Zé Areia, o boêmio anarquista, que até hoje é lembrado pela sua recusa de levar a vida a sério. As letras do Rio Grande do Norte não ficariam a dever um único epigrama genial, desse genial epigramista, que preferia satirizar os costumes reagindo a seus cânones; mas o seu exemplo de

incompatibilidade com os padrões de vida do seu tempo vale por um apostolado da vadiagem militante. Não se dando ao trabalho nem de escrever epigramas, os poucos que deixou não abusam do sarcasmo. Sua vida, porém, seria o grande efeito retardado, a por à mostra a toleima dos que contracenaram com ele, na vidinha provinciana e certa de Natal, que o viu viver e morrer, talvez sem atentar para a contestação viva, que foi o seu modo de viver. Esse tipo de vagabundo do espírito é muito encontrado nas capitais nordestinas. O maior deles deixaria a estreiteza da vida provinciana para escandalizar o Rio de Janeiro, e se chamava Paula Ney. Com menos sorte e certamente com mais consciência de sua marginalização, José Antônio Areia Filho, ou simplesmente Zé Areia, repetiu o itinerário de Paula Ney, tocando para o Rio com passagem fornecida por um amigo, mas lá só demorou o tempo de arranjar passagem de volta. Ficou tão pouco tempo, lá, que certo amigo, que o julgava na grande cidade, não se conteve, ao vê-lo descendo a escada do navio que o trazia de novo aos pagos e exclamou:

- Mas, já de volta, Zé Areia?

E ele:

- Vim buscar a escova de dentes, que esqueci”.

Após transcrever várias estórias de Zé Areia, o escritor Wilson Lins concluiu seu artigo:

“Hoje não se vê mais esse tipo de contestadores dos parâmetros da vida burguesa, e os poucos que se recusam a trabalhar sempre conseguem excelentes colocações que não se obrigam a dar duro. No tempo de Zé Areia, o desenvolvimento econômico ainda não existia, de modo que numerosas atividades que ocupam um sem número de desocupados, deixavam de aproveitar a ociosidade bem falante da época. Os Zé Areia dos nossos dias são bem pagos para beber e conversar, e muitos deles, participam dos lucros das empresas. Os que sobram, o se elegem qualquer coisa por qualquer partido, ou ingressam na chamada comunicação social. Só uma fração muito reduzida dos modernos inimigos do batente, por completa inadequação à vida burguesa, descamba para o nülismo alcoólico que perdeu o grande vagabundo potiguar”.

...

O escritor Nilo Pereira, no “Jornal do Comércio”, do Recife, em 6.12.1979, em sua secção diária “Notas Avulsas”, declarou o seguinte:

“Em Segunda edição – caminhando já para a terceira, o livro de Veríssimo de Melo sobre o poeta Zé Areia, de Natal.

Zé Areia viveu a vida de boêmio em toda a sua intensidade. Era um poeta de talento, improvisador e repentista de grande surtos de imaginação. Veríssimo, que muito bem o conheceu, anota muita coisa do poeta e o traz de volta, nimbado por uma auréola popular que foi a sua glória em vida.

Um dia, - sempre conto essa “boutade” de Zé Areia – Veríssimo de Melo o advertiu seriamente sobre o seu estado de saúde, comprometido pelo álcool. Areia ouviu tudo cabisbaixo, num momento de lucidez. Nesse exato momento passa o enterro de um anjinho, caixãozinho azul. E Zé Areia, sem hesitar, aproveitando o argumento incisivo, disse a Veríssimo, a propósito da criancinha morta: “– Olhe aí, só bebia leite”.

Muitos outros ditos e “trouvailles” geniais são lembrados por Veríssimo de Melo, na plaquete que é hoje “best-seller” em Natal. A vida incerta de um homem assim interessa a toda gente, que acompanha o boêmio, sabe que ele é infeliz, extraviado na vida.

Zé Areia encheu a cidade do Natal dos seus ditos satíricos, simplórios, descontraídos. Mas, há principalmente as estórias de Zé Areia. O que ele deixa como um legado de sua aventura.

A um pesquisador da categoria de Veríssimo de Melo essas coisas não haveriam de escapar. O livro que ele publicou sobre o poeta popular, sobre o boêmio Zé Areia, é pouco o retrato de uma época que, de certo modo, vai acabando. Vivemos agora uma vida diferente, cheia de preocupações, de assaltos, de vexames, de insegurança. É verdade que o boêmio está acima de tudo isso. Mas Zé Areia tinha também a noção do seu futuro, do seu destino. Quis muito que o governador do Rio Grande do Norte, o Monsenhor Walfredo Gurgel, lhe concedesse uma pensão. E para obter o benefício, mandou dizer ao Monsenhor que prometia só viver mais dois anos... Assim como quem diz: – Darei pouca despesa ao Erário.

Mais uma vez, Veríssimo de Melo mostra com a sua grande autoridade que é um pesquisador para ninguém botar defeito nem insinuar que ele dormiu no ponto. Zé Areia não lhe escapou à perspicácia da investigação completa, irresistível”.

...

O escritor Eptácio Soares, no “Diário da Borborema”, de Campina Grande, Paraíba, 1.12.1979, sob o título “Tipos Populares”, comentou:

“Maldito seja o povo que permite, com o seu consentimento, o mergulho no olvido da história, dos seus tipos populares. Eles, com as suas excentricidades e com o vergaste de sua ironia, estão inseridos na mesma moldura de espaço e tempo a que pertencemos. São nossos coetâneos. Peças da mesma paisagem humana na qual estamos integrados. Esquecê-los ou ignorá-los é faltar aos compromissos de lealdade para com a história.

Não se escreve a crônica de uma sociedade apenas com os seus componentes elitistas. Os tijolos sozinhos sem o auxílio da massa não constoem os edifícios.

Veríssimo de Melo, por ser um folclorista veraz, é um homem com a sensibilidade de tudo quanto é popular. Principalmente do homem do povo. Foi essa sensibilidade, aliada ao gosto pela pesquisa de campo, que o levou a recolher nas ruas de Natal e publicar em plaquete (agora em Segunda edição) as “SÁTIRAS E EPIGRAMAS DE ZÉ AREIA”, uma figura típica do populário norte-rio-grandense.

Barbeiro, e por vezes biscateiro de verve contundente, José Antônio Areia Filho, nascido e vivido em Natal, entre os anos de 1901 e 1972, foi figura participante da crônica do anedotário potiguar, como foram Manoel Romualdo da Costa Mandury e Sulpino Colaço, na crônica paraibana. Uma soberba inteligência que os azares da vida não consentiram que fosse burlada. O diamante, mesmo sem ser passado pelo processo de lapidação, não perdeu o seu valor de pedra preciosa.

Poderia, todavia, ter mergulhado como tantos outros, no oceano do esquecimento, se não houvesse um Veríssimo de Melo para perpetuá-lhe a memória. Mais uma excelente contribuição esta, que o distinto folclorista e historiador do Rio Grande do Norte presta às letras da sua terra. Lamentável que não existam outros Veríssimos de Melo em outras terras deste imenso Brasil, que nos é tão caro, para que outros êmulos de Zé Areia possam ser ressuscitados dos seus túmulos, para gáudio dos contemporâneos e das gerações vindouras.

Zé Areia. A quem Câmara Cascudo chamou de “o último contribuinte para o patrimônio efusante da improvisação anônima e surpreendente”, exemplifica, na expressão mordaz de sua verve, a força criativa do brasileiro. Somos, na verdade, uma nação milionária de valores humanos. O que tem faltado, porém, são condições para o aproveitamento desses valores”.

....

DURANTE A GUERRA

Durante a guerra, Zé Areia trabalhava como barbeiro no Campo de Parnamirim. Nas horas de folga, vendia saguins, papagaios, urubus e “gatos por lebres” aos americanos.

Um dia, Luiz Tavares o encontrou na Ribeira. Zé Areia queixou-se da concorrência desleal no negócio dos saguins. Os americanos só queriam agora pagar dez cruzeiros por cada um. Estava em situação difícil. Vendera muitos por quarenta, cinquenta cruzeiros.

Passaram-se os meses. Inesperadamente, chega a Natal outra grande leva de soldados norte-americanos, em trânsito para a África. O negócio dos saguins melhorou consideravelmente. Zé Areia chegou a vender saguin a cem cruzeiros.

Foi num desses dias que Luiz Tavares o encontrou novamente, na Av. Tavares de Lira. Zé Areia estava completamente embriagado. Luiz Tavares perguntou o que significava aquele porre, ao que ele confessou, orgulhoso:

— Alta de saguins!

...

Contou-nos o próprio Zé Areia que, certa vez, não encontrava negócio para um dos seus saguins, que tinha um buraco feio na cabeça pelada. (Devia ser um câncer, me disse). E como os americanos não queriam comprá-lo, teve a idéia feliz para dar saída à mercadoria. Arranjou um punhado de selos velhos de consumo e pregou-os na cabeça do bicho, fazendo uma espécie de capacete. Um americano, que resolveu compra-lo, indagou o que significava aquilo na cabeça do bicho, ao que Zé Areia esclareceu:

— Sabe alfândega? Muita fiscalização!...

...

De outra feita, um americano mostrou um saguin que tinha comprado a outro vendedor, por preço muito mais razoável do que o dele, tendo Zé Areia justificado a transação com estas palavras:

— É. Mas este morde!...

...

Certa vez, Zé Areia vendeu um papagaio completamente cego a um americano. No dia seguinte, foi procurado pelo Cônsul Americano, juntamente com o soldado, a vítima. O Cônsul declarou que o papagaio que ele vendera era cego! Um absurdo. Não prestava. Zé Areia teve esta saída genial:

— Espere: o senhor quer papagaio prá falar ou prá levar pro cinema?...

NOVA FIGURA JURÍDICA

Depois da guerra, Zé Areia voltou à velha miséria, não tinha emprego e vivia de vender qualquer coisa que encontrava.

O chefe de Polícia, General Ulisses Cavalcanti, arranhou-lhe o emprego de barbeiro, na Casa de Detenção de Natal.

Zé Areia trabalhou uns dias e logo depois desapareceu. Outro barbeiro passou a fazer o serviço dele.

Quando o General Ulisses soube que Zé Areia abandonara o emprego, mandou chamá-lo e quis saber o motivo. Zé Areia informou:

— Subloquei o emprego!...

VELHA PIADA

Conta-se também de Zé Areia, embora se atribua igualmente a Renato Caldas, o que ele disse num ônibus super-lotado. Bateu na campainha e exclamou:

— Parem para saltar um corno!

Houve risadaria geral. Ele desceu, calmamente, e já do lado de fora, gritou:
— Agora, podem levar o resto!

CLASSE DESUNIDA

Entrando no restaurante de d. Zefinha, nas Rocas, Zé Areia pediu uma galinha assada. Veio o prato e ele ia começar a comer. Mas, num gesto fidalgo, ofereceu-o à dona da casa, nestes termos:

— Vamos comer uma galinha, dona Zefinha?
A mulher, mal-humorada, respondeu bruscamente:
— Não gosto de galinha.
Ao que ele completou:
— Isso é que é uma classe desunida!

O AMIGÃO E CONSELHEIRO...

Um dia, Zé Areia tirou quatro contos e tanto no jogo do bicho. Um seu amigão, bancando o conselheiro, declarou perante várias pessoas:

— Zé Areia eu lhe conheço. Você me dá os quatro contos para guardar, senão você gasta todo numa farra, e fica com os trocados.
Zé Areia indagou:
— E onde é que eu te encontro?

MATAR ONÇA EM DIA MARCADO...

De volta do Amazonas, Paulo Leandro encontra Zé Areia, na Ribeira. Conversaram. Paulo Leandro contou sua emocionante vida na selva e disse:

— Vivo muito feliz na selva. Minha ocupação é matar onças. Mato uma na Segunda, vendo na terça, na Quinta, mato outra e vendo na Sexta. Por que você não faz como eu e vai trabalhar também no Amazonas?

Resposta de Zé Areia:

— Matar onça já é difícil... E logo em dia marcado!...

CASA OU RELOJOARIA?

Zé Areia entrou na gerência da “Tribuna do Norte”, vendendo bilhetes de rifa de um relógio. Mostrou o objeto a Mussoline Fernandes e pediu-lhe que ficasse com um bilhete.

Mussolini, muito ocupado, e diante da insistência de Zé Areia, declarou:

— Olhe, Zé: Eu não quero o bilhete do relógio porque já tenho relógio. Papai tem relógio, mamãe tem relógio, minha mulher tem relógio, meu cunhado tem relógio. Prá que diabo eu quero mais relógio?

Zé Areia baixou a cabeça e saiu. Na porta, voltou-se para Mussolini e exclamou:

— Isso é uma casa ou é uma relojoaria?

RESPOSTA MALICIOSA

Um gaiato passou ao lado de Zé Areia, zombando de sua gordura e indagou:

— Zé, Quantos quilos você pesa?

Resposta Maliciosa:

— Já te esqueceste?

NA BATALHA DA BORRACHA

Uma das mais famosas estórias de Zé Areia aconteceu com o ex-presidente Café Filho, de quem era amigo. Estando no Rio, procurou o então vice-presidente e pediu-lhe um emprego. Café deu-lhe um cartão para ele se engajar na Batalha da Borracha. Foi à repartição competente e entregou o cartão, indagando do rapaz que o atendeu:

— Me diga uma coisa, amigo velho, o qualquer é mesmo que eu vou fazer nesse emprego?

Resposta do funcionário, um tanto maliciosa:

— O senhor vai tirar leite de pau. (Queria dizer que ele trabalharia no seringal, na batalha da borracha).

Exclamação de Zé Areia:

— Não quero mais o emprego, não! Quem tira leite de pau é...

E foi embora.

NO INSTITUTO DO SAL

De outra feita, sabendo que no antigo Instituto Nacional do Sal, estava o seu velho amigo Eliseu Leite, foi até lá para ver se arranjava um emprego. Entrou na fila, onde ficou mais de meia hora. Finalmente, abriu-se uma porta e lá apareceu Eliseu Leite, alto funcionário da autarquia. Quando viu Zé Areia na fila, veio de lá e indagou surpreso com a presença do velho amigo:

— Zé Areia! O que é que você veio fazer aqui?

Resposta horrível, mas adequada para quem estava na miséria:

— Eu vim aqui dá uma cagada!...

VENDENDO SELAS

Na Av. Tavares de Lira, Zé Areia carregava uma sela nova, para vender. Encontrando alto comerciante, seu amigo, ofereceu-lhe a mercadoria:

— Seu Mário, eu tenho uma sela para vender ao senhor.

Ao que o cidadão contestou em cima da bucha:

— Eu não sou cavalo. Prá que sela?

Zé Areia completou:

— Mas serve também prá burro!...

O FIADOR

Certo dia, procurou o senhor José Leandro e pediu-lhe para alugar uma casa, na Praia do Meio. José Leandro foi incisivo:

— A você eu só alugo com fiador.

Zé Areia procurou o dr. Djalma Marinho, pediu-lhe a carta de fiança e prontamente foi atendido.

A casa foi alugada e começou a correr o tempo... Três meses depois, sem pagar um tostão, José Leandro encontra Djalma Marinho e faz a queixa:

— Djalma, faz três meses que aluguei a casa a Zé Areia, de quem você é fiador, e ele nunca mais apareceu. O que é que se faz?

Djalma prometeu falar com ele. Encontrando Zé Areia, contou-lhe que Leandro o procurara e indagou por que não pagara o aluguel.

Zé Areia ouviu tudo calado e respondeu a Djalma:

— Já que você trouxe um recado, leve outro. Diga a José Leandro que eu tenho fiador!...

UMA DÍVIDA

Uma tarde, no Natal-Clube, Zé Areia andou espalhando nas rodas que Djalma Marinho estava lhe devendo cinqüenta cruzeiros. E saiu. Meia hora depois, aparece Djalma Marinho e vários amigos lhe falaram sobre a estória da dívida de Zé Areia. Djalma estranhou, como era natural, a tal dívida. Encontrando-o, mais tarde, perguntou:

- Que estória é essa que anda espalhando que eu lhe devo cinqüenta cruzeiros?
- Deve, - disse Zé Areia. Eu lhe pedi, naquele dia, cem cruzeiros, e você só me emprestou cinqüenta. Logo, deve cinqüenta!...

PROVOCAÇÃO

Raimundo Nonato, o escritor, gostava muito de provocar Zé Areia, só prá ouvir as respostas. Encontrando-o à porta do Café São Luiz, na Cidade Alta, foi dizendo:

- Hoje eu tô doido pra ver um corno!
- Zé Areia convidou-o:
- Entre aqui no café. Vou lhe mostrar o maior do mundo.
- E, diante do espelho, disse:
- Veja ali. É aquele que está junto de mim!...

CONTAS PERDIDAS

Eliseu Leite, quando trabalhava na sua tipografia, na rua Dr. Barata, deu a Zé Areia umas contas para ele cobrar. Contas perdidas, como ele dizia. Velhas contas encalhadas há anos.

Zé Areia recebeu os papéis e caiu em campo. Dias depois, avistando-se com Eliseu, este indagou:

- Zé Areia, como vão as contas perdidas?
- Ele informou que já estava recebendo algumas e ia tudo bem.
- Meses depois, novo encontro e nova indagação de Eliseu:
- E as contas perdidas?
 - Recebi tudo, - disse Zé Areia.
 - E agora? – perguntou Eliseu.
 - Agora é que elas estão perdidas.

A PAREDE

Elyssósio Guimarães era freguês velho de Zé Areia, na barbearia. Vez por outra, chegava “puxando fogo”. Ficava chateado quando Zé Areia esquecia a sua recomendação de passar álcool, depois de tirar a barba, em lugar de água.

Um dia, ao tirar a barba, Zé Areia, de propósito, passou um algodão com água no rosto de Elyssósio. Ele reclamou:

- Por favor, álcool, Zé Areia!
- E como Zé Areia já esperava, retirou um cajá, que guardava na gaveta, oferecendo-o, com estas palavras:
- Está aqui a parede!

QUEM DORME NA CALÇADA

Encontrando um amigo, que morava nas Rocas, Zé Areia disse:

- Eu hoje vou almoçar e jantar com você.
- O homem respondeu zangado:

- Na minha casa não entra corno!
Zé Areia indagou:
— E você dorme na calçada?

O CALOR

Num bar, na Ribeira, estava Zé Areia com um grupo de boêmios. Na ocasião, entrou o velho Teodósio, vendedor de bilhetes de loteria. Abrindo o paletó, reclamou o calor desta forma:

- Eu hoje estou doido por um fresco!
Zé Areia aconselhou-o:
— Levante o chapéu, que debaixo tem um!...

O NÚMERO COMPLETO

Zé Areia entrou num daqueles cafés da Ribeira, onde estavam vários rapazes, seus conhecidos, e foi recebido com esta frase:

- Aqui ninguém quer corno, não!
Ao que Zé Areia indagou:
— E o número já está completo?

BEVENUTO...

Zé Areia vendia rifa de um carneiro e oferecia a um grupo de rapazes, na esquina da Tavares de Lira. um dos jovens, filho do velho Bevenuto, só prá chatiar, foi dizendo:

- Não queiram não, que esse carneiro é fresco!
Alguém indagou como o carneiro se chamava, ao que Zé Areia respondeu:
— Bevenuto!...

O CARNEIRO E A CHUVA

outra ocasião, Zé Areia andava com um enorme carneiro, de outra rifa. Luiz de Barros adquiriu um bilhete, que à tarde saiu premiado. No dia seguinte, acompanhando Zé Areia, foi buscar o carneiro, num sítio, no Alecrim.

Zé Areia apontou para um carneirinho magro, que estava no curral e disse:

- Pronto, Seu Luiz. O carneiro é este, pode levá-lo.

Luiz de Barros protestou:

- Essa não! O carneiro da rifa parecia um zebu! Não é esse. Não levo.

Zé Areia tentou explicar:

- Seu Luiz, o carneiro é este mesmo. É que ele passou mal a noite toda na chuva e encolheu!...

PESCANDO NO CAIS

Aldemário Martins, saltando de um bote da Redinha, encontrou Zé Areia sozinho, com uma vara de pescar dentro d'água, num local muito inconveniente, - o cais da Tavares de Lira.

No dia seguinte, encontrando Zé Areia, indagou:

- Zé Areia, você conseguiu pegar alguma coisa ontem naquele local?

Resposta:

- Peguei. Peguei no sono!

A MELHOR PARTE DO PAIXE

Entrando numa peixada, nas Rocas, Zé Areia observou vários rapazes que discutiam sobre a melhor parte do peixe. Ninguém dava importância a Zé Areia, por ser um freguês sabidamente pobre. Lá prá s tantas, um dos rapazes pediu a opinião dele sobre a parte do peixe que preferia. Improvisou esta quadrinha:

Embora tudo aconteça,
De valente eu não me gabo;
Do peixe quero a cabeça,
Da mulher prefiro o rabo.
A dona da Peixaria botou-o para fora, pelo desrespeito.

O JAGADOR DE DADOS

Houve uma época em que Zé Areia, toda tarde, discutia cerveja com o dr. João Medeiros Filho, advogado. Infalivelmente, no fim do expediente, eles se encontravam e bebiam cerveja, discutindo quem pagava no bozó.

Uma tarde, João Medeiros Filho demorou-se numa audiência e não apareceu na hora aprazada. Zé Areia lá estava, tomando cerveja sozinho, tendo ao lado o bozó. Vez por outra jogava os dados, sozinho.

Uma hora depois, apareceu dr. João Medeiros Filho. Zé Areia apontou três garrafas de cerveja vazias, que estavam na mesa, declarando:

— Já perdeu três!

QUE SIGNIFICA 69?

Na saída de um jogo de futebol, um comerciante, amigo de Zé Areia, pergunta:

— Zé, prá você o que significa sessenta e nove?

Resposta exata:

— Para mim é um número. Prá você é um vício!...

A MOÇA BONITA

quem me contou esta foi José Alexandre Garcia. Estavam tomando cerveja, no bar de Ovídio, quando entrou, para comprar qualquer coisa, na confeitaria, uma moça muito bonita e bem vestida.

Um dos presentes, diante da beleza da moça, exclamou na roda:

— Eu já estou sentindo uma coisa!

Outro:

— Minha vista está escurecendo!

Zé Areia:

— Eu já estou de língua trêmula!...

JORNAL DE CABEÇA PARA BAIXO

Luiz Tavares ia saindo do Natal-Clube e encontrou Zé Areia na porta, folheando um jornal. Advertiu-o, querendo chamá-lo de analfabeto:

— Zé Areia está de cabeça para baixo!

Resposta rápida de Zé Areia:

— E mole.

DIANTE DO COBRADOR

Numa cervejaria, na Ribeira, onde Zé Areia foi entrando, uns rapazes recitavam numa mesa próxima. Pediram então que ele recitasse qualquer coisa. Nesse instante foi entrando no bar um velho cobrador da cidade, a quem Zé Areia devia uma continha. Improvisou:

Não há dor igual à dor
De um cabra que está devendo,
Todo cheio de remendo
Diante do cobrador.

UM CAÇUÁ DE RIO DE JANEIRO

Numa roda de amigos, no Rio de Janeiro, alguém perguntou a Zé Areia se ele gostava de Natal. Respondeu:

— Eu não troco as Rocas por um caçuá de Rio de Janeiro, você me voltando ainda São Paulo!

O CALÇÃO CURTO

Luiz Tavares nos contou que um dia Zé Areia chegou na casa dele, na praia, com um calção tão curto, que o velho, pai de Luiz, reclamou:

— Mas que calção danado de curto, Zé Areia!

Ele disse:

— E para o ano vai ser pior, eu venho é Nações Unidas.

— Por que? – indagou o velho.

— Prá não sair da moda...

A ESCOVA DE DENTES

Rômulo Leite nos dizia que teve um trabalho danado para conseguir uma passagem de navio para Zé Areia, com destino ao Rio de Janeiro. Finalmente, ele embarcou. Vinte dias depois Rômulo estava no Cais, quando um navio atracou, de volta do Rio. Zé Areia estava na amurada, sorridente. Ao descer a escada, Rômulo indagou:

— Mas já está de volta, Zé Areia?

— Vim buscar a escova de dentes, que esqueci.

A DÉCIMA SEXTA FALÊNCIA

Manuel Oitão deu, uma vez, uns bilhetes de loteria para Zé Areia vender. Uns dois contos de bilhetes. Passaram-se os dias e Zé Areia não apareceu para prestar contas. Depois de uma semana, eles se encontraram na Ribeira. Manuel Oitão perguntou logo que fim ele tinha levado, ao que Zé Areia respondeu, confessando a fraqueza:

— Foi a décima Sexta falência da cidade!...

UM BONÉ TÍPICO

Numa época de carnaval, Zé Areia vendia bonés na Ribeira. Tendo oferecido a mercadoria a dois rapazes, um deles disse, debochando:

— Isso é boné de corno!

Ao que Zé Areia acrescentou, sem perder o fôlego:

— Então aproveitem e fiquem com estes dois de resto!...

ANDAR NA LINHA

U'a manhã, Zé Areia entrou na casa de um amigo, à margem da linha do trem, completamente embriagado. o dono da casa estranhou:

— Mas, uma hora dessas e você já está embriagado?

Zé Areia chamou-o para ver uma coisa e apontou um cartaz da estrada de ferro, com o dístico: “É proibido andar na linha”.

O GLOSADOR

Zé Areia era também bom glosador. Certa vez, deram-lhe o mote:

**Na venda bebo cachaça
Me lembrando de você.**

Glosou:

1º) Diante da tua graça,
Fiquei logo apaixonado.
Hoje, tristonho e maguado
Na venda bebo cachaça.
Muito embora mal me faça
E razão ninguém me dê,
Eu vou bebendo porque
Meu destino foi traçado:
É viver embriagado
Me lembrando de você.

2º) Não suportando a desgraça
De viver sem teu carinho,
Eu toda noite sozinho
Na venda bebo cachaça.
Minha tristeza não passa,
Sabes muito bem porque,
Quem olha prá mim já vê
O que procuro ocultar.
começo logo a chorar
Me lembrando de você.

3º) Sendo triste, faço graça,
Banco o palhaço da vida.
Prá curar minha ferida
Na venda bebo cachaça.
Não sabe mais o que faça
Quem desgraçado se vê.
Eu quisera um dia que
O meu coração cansasse
E nunca mais eu chorasse
Me lembrando de você.

RAIMUNDO NA EUROPA

Além das glosas líricas, Zé Areia glosava outros gêneros. Quando Raimundo Cavalcanti de Barros, escritor e amigo de Zé Areia, regressou da Europa, inventaram várias estórias safadas com ele. Deram, a propósito, um mote a Zé Areia.

Raimundo foi à Europa

E voltou falando inglês.

GLOSA

Nunca deu o ás de copa
Não conhecia o prazer...
Prá dar sem ninguém saber
Raimundo foi à Europa.
Dinheiro ele não poupa
Quando chega a sua vez.
Porisso, com sensatez,
Fez tudo que pretendia.
Conheceu o que queria
E voltou falando inglês.

QUEM GOSTA DE CERTAS COISAS

Zé Areia entrou, certa vez, no escritório de Luiz de Barros, conduzindo um vira-lata nos braços. Indagou se Luiz queria adquirir um cão de pura raça. Luiz disse que não e que oferecesse ao seu auxiliar, - pessoa com que Zé Areia nunca se deu bem.

Assim mesmo, Zé Areia fez a oferta e recebeu do cidadão este conselho.

— Vá oferecer ao sr. Luiz, que ele é quem gosta dessas coisas que não prestam.

Zé Areia baixou a cabeça e deu meia volta. Na saída, voltou-se para o cidadão e disse:

— Porisso é que seu Luiz gosta tanto do senhor!...

SÓ BEBIA LEITE

Estava com Zé Areia, na calçada da Tavares de Lira com a dr. Barata, quando surgiu, pela Frei Miguelino, o enterro de um “anjinho”. O caixãozinho azul vinha carregado por quatro crianças e mais uma meia dúzia de pessoas acompanhando. Quando o caixão ia passando bem próximo de nós, Zé Areia disse algo que nenhuma outra pessoa no mundo poderia pensar, naquele momento, apontando:

— Taí! Só bebia leite...

FARTO DE ENFARTE

Encontrando-o, diante da Livraria Universitária, ouvi a reclamação:

— Ontem, eu tive tremenda dor no coração. Não sei o que é isso.

Repliquei, provocando-o:

— Zé Areia, você é burro mesmo! Você teve foi um enfarte!

E veio o trocadilho, já quando se afastava:

— Eu já estou farto de enfarte!

AUMENTO DA LOTERIA

O dr. José Alexandre Garcia Filho contou-me que Zé Areia, vez por outra, aparecia no antigo escritório de seu pai, vendendo bilhetes de loteria. Ao oferecer a José Alexandre, este fez um “acordo de cavalheiros” com o boêmio, dizendo:

— Zé Areia, você sabe que eu não compro bilhetes de loteria. Mas, eu faço uma proposta a você: Qual a comissão que você recebe de cada bilhete completo?

Zé Areia informou:

— Trinta cruzeiros.

— Pois bem, - prosseguiu Alexandre, - todas as vezes que você estiver com necessidade mesmo, vem aqui e me diz: “Alexandre, eu hoje **preciso** lhe vender um bilhete. “Eu então lhe darei os 30.000 cruzeiros correspondentes à comissão e não quero nem ver o bilhete!

Tudo acertado, Zé Areia apareceu umas duas ou três vezes no escritório e recebeu a comissão estabelecida.

Um dia, apareceu risonho, declarando:

— Eu hoje tenho uma notícia boa para o senhor. O bilhete da loteria aumentou o preço!

— E eu com isso? – indagou Alexandre.

— É que, aumentando o preço do bilhete, aumenta também a minha comissão aqui com o senhor!...

NÃO HÁ TRISTEZA NO MUNDO

Oswaldo Lamartine de Faria, no seu “UNS FESCENINOS”, (Arte Nova, Rio, 1970), incluiu a seguinte “boutade” de Zé Areia: “Boêmios bebiam numa mesa e Bêbados se faziam líricos, evocando poesias. Ao lado, Zé Areia ia tristonho de lapada em lapada, fazendo minguar o nível de uma garrafa de **alegria de pobre**. Às tantas um vizinho, virando-se para ele, evocou a consagrada quadrinha de Américo Falcão:

Não há tristeza no mundo,
Que se compare à tristeza
Dos olhos de um morimbundo
Fitando uma vela acesa.

E ele, parodiando, arrematou:
Não há tristeza no mundo,
Que se compare à tristeza
Do sujeito olhar um fundo,
Sem ficar de vela acesa...

UM GALANTEIO

Zé Areia, num momento de lirismo, - a informação é de Oswaldo Lamartine de Faria, - disse este galanteio para uma loura que passava:

“Vi pela primeira vez
jóia que andava ao léu;
encomenda que Deus fez
aos ouvidos lá do céu”.

O BOM JESUS E A CRUZ

Newton Navarro testemunhou, uma tarde, na Ribeira, ao lado de alguns amigos, inclusive Zé Areia, a passagem da procissão do Bom Jesus dos Passos. Um dos presentes poeta, improvisou uma quadrinha, afirmando que gostaria de ajudar Jesus a carregar a sua cruz, que deveria ser muito pesada. Zé Areia improvisou ao contrário, dando a entender que a sua cruz era mais pesada do que a de Jesus:

“A ti, oh! Meu bom Jesus
só peço fazer justiça;
transformando a minha cruz
em madeira de cortiça”.

RECADO AO GOVERNADOR

Nos últimos tempos de sua vida, já doente, Zé Areia andou pleiteando uma pensão do Governo do Estado. Como sua petição, durante meses, não tivera qualquer despacho, ele mandou o seguinte recado ao Governador Mons. Walfredo Gurgel:

— Monsenhor, mande pagar a pensão em meu favor, que eu prometo só viver mais uns dois anos!...

COMO CORTAR CABELO SEM SUJAR A ROUPA

Israel Guanabara Azevedo encontrou-nos em pleno Grande Ponto e nos contou uma boa de Zé Areia.

Israel estava no escritório da Sul América, naquele tempo chefiado por José Reis. Zé Areia cortava o cabelo de José Reis. Num intervalo, Israel indagou a Zé Areia:

— Zé, eu vou viajar agora a Mossoró. Estou apenas aguardando uma documentação do escritório. Você seria capaz de cortar o meu cabelo sem deixar cair um fio de cabelo na minha roupa?

Zé Areia respondeu afirmativamente, mandando que ele esperasse. Logo que terminou de cortar o cabelo de José Reis, passou defronte de Israel, de cabeça baixa. Foi lá na frente, deu a volta e passou novamente. Aí disse Israel:

— Como é, Zé Areia, vai ou não vai cortar o meu cabelo?

Resposta de Zé:

— Estou esperando que você tire a roupa e fique Nações Unidas, para poder cortar e não cair um fio em sua roupa!

A VIDA SEXUAL DE ZÉ AREIA

Zé Areia e o juiz Eutiquiano Reis eram velhos amigos, num encontro dos dois, houve diálogo inusitado.

Eutiquiano perguntou:

— Zé Areia, como é a sua vida sexual?

Resposta tranqüila de Zé:

— Muito simples. A noite, em casa, quebro o galho com a velha. De manhã, na barbearia, tem um menino que varre a casa e “arrasta uma asa”... Então você já sabe como é... Ao meio dia, na hora do banho, aquela estória do sabonete que escorrega e então eu toco uma valsa...

Eutiquiano, veemente, protestou:

— Zé Areia você é um tarado! Você está doente. Você precisa ir urgente a um médico!

Zé Areia foi saindo, de cabeça baixa. De repente, voltou-se e indagou:

— E isso é doença que se trate?...

O MÉDICO FEIO E O DESMAIO

Esta foi Diógenes da Cunha Lima quem nos contou.

Num carnaval, saiu com Zé Areia, num jeep, visitando os bares e comendo água. O Rei Momo oficial era Paulo Maux. Zé Areia era o Rei Momo contestatário. Os discursos se sucediam de bar em bar.

Na volta do jeep, numa esquina, Zé Areia, que já estava “alto”, foi cuspidado fora do veículo. Perdeu os sentidos. Diógenes, rápido, levou-o ao Pronto Socorro. Atendido por um médico jovem, conhecido na cidade pela sua feiura, Zé Areia recebeu os primeiros curativos de urgência. Logo, readquirindo os sentidos, abriu os olhos e fitou o tal médico ao lado, exclamando:

— Eu prefiro desmaiar novamente!...

A CASA CONTRA-MÃO

Contou-nos Raimundo do Cartório. Zé Areia tinha sido encarregado de cobrar uma dívida de dez contos de réis de um tal Medeiros, sujeito velhaco e esquivo. Zé Areia foi várias vezes à casa dele e o homem sempre arranjando uma desculpa para não pagar a dívida. Finalmente, um dia, o homem resolveu pagar metade da dívida, prometendo pagar a outra metade dentro de trinta dias.

Reencontrando com o credor, este perguntou:

— Então, Zé Areia? E a conta dos dez mil, recebeu?

Resposta de Zé:

— A minha parte (a comissão) eu já recebi. A sua, só daqui a trinta dias!

ZÉ AREIA PROPRIETÁRIO DO BOTEÇO

Num boteco, que instalou na rua Chile, Zé Areia fazia picadinho e panelada, aos sábados. Certa vez, baixou por lá Simplício Cristino, velho amigo de Zé, acompanhado de dois viajantes. Simplício, - dizia Zé Areia, - não gostava muito de pagar as despesas. Comeram o picadinho, beberam várias cervejas, conversaram. Na hora de pagar a despesa, um dos viajantes adiantou-se, pedindo a conta. Foi então que Simplício Cristino – muito generoso com a pólvora alheia, - exclamou:

— Isso aqui tudo é meu. Aqui, ninguém paga nada!

Ao que Zé Areia, triste, comentou:

— É mesmo. Eu nunca tive nada!...

ZÉ AREIA EM DAKAR

Durante a guerra, Zé Areia foi contratado para passar umas semanas em Dakar, cortando cabelo dos americanos.

Conta-se que uma tarde, ele estava na porta da barbearia, muito triste, com saudades de Natal. Eis que vem chegando um soldado americano, bêbado, com um copo na mão, indagando:

— Do you like drink?

Ao que Zé Areia respondeu:

— É só o que eu laico!...

O MELHOR PREFEITO

O jornalista Carlos Alberto Moraes contou duas boas de Zé Areia, na sua coluna esportiva de “A República”.

Entrando num ônibus, encontrou Zé Areia conversando com um cidadão, ao seu lado. Faziam comentários em torno dos prefeitos de Natal. O cidadão disse:

— Um dos melhores prefeitos de Natal, que eu conheci, foi Djalma Maranhão. Ele calçou quase toda a cidade. Onde ele não meteu pedra (paralelepípedos) meteu barro.

Ao que Zé Areia concluiu:

— Menos areia...

ZÉ AREIA NO CARNAVAL

Outro registro do jornalista Carlos Alberto Moraes foi este: num carnaval Zé Areia saiu fantasiado de mulher, carregando às costas um saco de cabaços, tendo em baixo um cartaz, com os dizeres: - “QUEM TIRAR UM, VAI PRESO”.

ZÉ AREIA E OS DEZ DÓLARES

Um dos melhores trocadilhos de Zé Areia foi aquele a respeito de dez dólares.

Durante a guerra, ele vendia também galinhas aos norte-americanos. A um soldado, Zé Areia conseguiu vender uma delas por dez dólares, - o que era um furto, na época. A galinha custava quatro, cinco mil réis.

No dia seguinte, um dos cônsules foi procurar Zé Areia e fez queixa:

— Senhor vendeu galinha soldado por DEZ DÓLARES?

Zé Areia contestou:

— Não senhor, quando o Americano chegou aqui me perguntou:

— How much?

Eu indaguei:

— Tem dólares?

Aí ele me deu uma nota de dez dólares pela galinha...



www.dhnet.org.br